

# A CONTINUIDADE DE CULTO NA ÉPOCA ARCAICA

## THE CONTINUITY OF CULT IN THE ARCHAIC PERIOD

MAIRA CASSEB GIOSA\*

**Resumo:** Embora sejam diferentes, os minoicos e os micênicos têm diversas similitudes que aproximam suas culturas, seja na religião, na linguagem ou na maneira como construíam suas vivendas. Os dois milênios que separam uma civilização da outra guardam uma continuidade histórica bastante clara, o que não acontece quando passamos da Idade do Bronze para a Idade do Ferro e o surgimento da polis arcaica.

**Palavras-chave:** micênicos, minoicos, época arcaica, Idade do Bronze

**Abstract:** Even though the Minoan and Mycenaean civilizations are different, they have many similarities that unite both cultures, whether in religion, or in language or in the way they built their houses. The two millennia that separate the one civilization from the other show a clear historical continuity, something that is lacking in the change from the Bronze Age to the Iron Age and the rise of the archaic polis.

**Keywords:** Mycenaean, Minoan, Archaic Period, Bronze Age

No começo do segundo milênio a. C., os chamados povos micênicos se haviam assentado nas regiões do mar Egeu, fazendo contato com a população já existente na ilha de Creta, os minoicos. A interação entre essas duas comunidades foi um movimento contínuo e pode ser observada em vestígios deixados pela arquitetura, cerâmica, escritura e religião. Alguns historiadores acreditam que os palácios micênicos substituíram completamente os palácios anteriores, e que uma civilização foi a causa da destruição da outra. Entretanto, as possíveis causas para o gradual desaparecimento da cultura minoica não são o objetivo deste artigo.

Para entender as inter-relações entre ambas as culturas, é importante considerar que em um determinado momento da história essas duas civilizações se misturaram, produzindo mudanças consideráveis na estrutura social, econômica e política dos centros administrativos nos quais viviam – e que no período micênico foram chamados de “palácios”. Esse termo,

---

\* Maira Casseb Giosa é Mestre em História e Ciências da Antiguidade pelas Universidades Autónoma de Madrid e Complutense de Madrid. E-mail: mairacg@hotmail.com

um tanto contraditório, será utilizado aqui mesmo sabendo-se que a palavra possui um contexto demasiado moderno quando aplicado ao mundo antigo, podendo levar a interpretações errôneas. Ainda assim, creio ser a palavra mais apropriada.

A civilização micênica começou a evoluir entre os séculos XIV e XIII a. C. por si só, coincidindo com a decadência de Creta, ilha onde os minoicos se haviam assentado inicialmente. Assim, a cidade de Micenas, na Argólida, se converteu definitivamente na grande sucessora da capital minoica de Cnossos. Outros lugares de visibilidade na época foram Tirinte, também na Argólida; Tebas e Orcômeno, na Beócia; e Iolcos, na Tessália.

A influência micênica chegou até as ilhas do Egeu, na Ásia Menor, em Chipre e talvez na Sicília<sup>1</sup>. No auge da civilização, os micênicos transformaram a escritura desenvolvida durante o milênio interior (a Linear A) em um sistema de escritura silábico, a Linear B, da qual temos conhecimento através das tabuinhas de argila que, felizmente, se conservaram ao longo do tempo e foram decifradas por Michael Ventris em 1953.

Essas tabuinhas encontradas na maioria das grandes cidades micênicas – como a própria na capital Micenas, mas também em Tirinte, Cnossos e Pilos – permitiram reconstruir a estrutura social e econômica de tais “reinos”, uma vez que tinham fins estritamente burocráticos, inclusive ao abordar os temas religiosos<sup>2</sup>. A partir dos restos arqueológicos encontrados nestes sítios, foi possível descobrir que os tais palácios eram os grandes centros políticos da comunidade, e giravam ao redor do *wa-na-ka* (*wánax*), o equivalente ao rei. O palácio era também a residência do monarca, que o mantinha como centro administrativo do território. Além disso, poderia servir como a sede de eventos públicos centralizados,<sup>3</sup> como os rituais religiosos.

A centralização cada vez maior desses territórios supunha um maior sistema redistributivo, com grandes armazéns e redistribuição das oferendas religiosas por toda a região. É muito provável que, com esse caráter centralizador, os reis poderiam controlar todo o território, incluindo as posteriores fortificações das principais cidades e o agrupamento de elementos funerários em cemitérios primitivos.

<sup>1</sup> BURKERT, W. *Greek Religion*. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1985, p. 21

<sup>2</sup> DICKINSON, O. *The Aegean from Bronze Age to Iron Age: continuity and change between the twelfth and eighth centuries b. C.* Nueva York, 2006, p. 25; LÉVÊQUE, P. *Op. cit.*, p. 153.

<sup>3</sup> DICKINSON, O. *Op. cit.*, p. 24, 29 e 35-37

A religião formava parte do Estado tanto quanto a política, administrada e supervisionada pelo rei. Segundo o estudioso Pierre Lévêque<sup>4</sup>, a participação do rei em assuntos religiosos era tamanha que pode ser comparada à influência que ele exercia na administração da terra ou na fabricação cotidiana de objetos de bronze para a comunidade. Por sua vez, os cultos estavam indissociavelmente vinculados à vida agrária e artesã, sendo “parte integrante dos processos de reprodução social.”<sup>5</sup>

O *wánax*, como representante da unidade social e como mediador entre deuses e homens, tinha um papel fundamental para organizar não somente a sociedade, mas também as atividades cotidianas relacionadas ao mundo sagrado. Também são associados a estes reis os rituais de enterramento, que ganharam muito mais importância a partir da introdução dos túmulos de fossa (*tholos*): construções subterrâneas circulares cobertas por uma abóbada, e um dos grandes símbolos da civilização.

#### REMINISCÊNCIAS DA RELIGIÃO MINOICA

Um dos pontos mais estudados da interação entre essas duas culturas é a influência religiosa exercida de ambos os lados. Embora a derrocada da civilização minoica tenha acontecido paralelamente ao surgimento da micênica, ambas as culturas conviveram durante alguns séculos não somente em Creta, mas também em algumas ilhas do Egeu. E, ainda que não seja possível tratá-las como uma única civilização, é também impossível separar as realidades que as uniam. Podemos encontrar diversos elementos que entrelaçavam suas estruturas sociais e culturais, formando uma linha cronológico-evolutiva, um fio de continuidade, que percorre desde o fim da era Paleolítica<sup>6</sup> e segue, com consideráveis (mas não excludentes) alterações, até a época arcaica.

Este fio se faz mais ou menos visível de acordo com o período e com o quê é analisado. No caso da religião, a continuidade, ainda que marcada por diversos fenômenos – naturais e humanos – esteve presente desde o princípio da chamada civilização ocidental. Isso se deu, aproximadamente, com o assentamento dos povos nômades e a domesticação de animais para consumo e com fins religiosos<sup>7</sup>. A força de inércia da cultura campesina pode

<sup>4</sup> LÉVÊQUE, P. *Bestias, dioses y hombres: el imaginario de las primeras religiones*. Huelva: Universidad de Huelva, 1997.

<sup>5</sup> LÉVÊQUE, P. *Op. cit.*, p. 153.

<sup>6</sup> BURKETT, W. *Op. cit.*, pp. 11-12.

<sup>7</sup> BURKETT, W. *Ibid.*, p. 13.

ter sido o motivo dessa continuidade religiosa, adaptando os novos elementos introduzidos pelo contato com os povos indo-europeus.

Um dos elementos mais antigos que pode ser constatado, totalizando cinco milênios de tradição, é a representação da Deusa-Mãe. Chamada pelos minoicos de Potnia Theron, a divindade não é uma criação protogrega, mas um legado das culturas ancestrais que se haviam assentado nas mesmas regiões em períodos anteriores. A representação da Deusa-Mãe era acompanhada de duas figuras masculinas: um esposo e um filho (o menino-deus)<sup>8</sup>. A tríade exercia a tutela sobre a fecundidade, a fertilidade, a vida pós-morte, a natureza virgem, os campos, as moradias, e estendiam a proteção sobre os palácios e as sepulturas.

Algumas figuras femininas encontradas dentro de pequenos santuários localizados nos interiores dos palácios remontam a uma tradição, que vem desde o Paleolítico, de culto às mulheres e à domesticidade. Embora alguns ídolos minoicos não estejam iconograficamente relacionados às figuras recorrentes que apareceram durante o período Neolítico, a arqueologia prova que as duas manifestações estão entrelaçadas. Essa é apenas uma das características que resistiu à mudança nas sociedades. Outras características de culto minoico podem ser observadas claramente na sociedade micênica, como os banquetes, as libações e os sacrifícios animais, muitas vezes unificados em um só ritual.

Ademais, a religião minoica adotou um panteão similar àquele existente nas religiões orientais, com um número diferente de deuses, e cada um com uma função específica que explicava superficialmente alguns fenômenos naturais<sup>9</sup>. A religião micênica, considerada a predecessora do panteão Olímpico da época clássica, parece ter herdado e dado continuidade a essas tradições, sendo ela mesma influenciada pelos princípios politeístas indo-europeus.

As evidências arqueológicas que apontam para a continuidade de culto podem ser observadas a partir das figuras de animais de barro utilizadas para sacrifícios. Para Lévéque, a tradição de usar estas figurinhas como imagens votivas ou representações divinas é um fator que pode ser observado desde a época dos Terceiros Palácios até do período neopalaciano<sup>10</sup>. Os próprios palácios são indícios de que haja uma continuidade ininterrupta, como é o caso dos templos de Ayia Irini e Filacopos, que permaneceram intactos, ou

<sup>8</sup> LÉVÊQUE, P. *Op. cit.*, p. 156.

<sup>9</sup> BURKETT, W. *Ibid.*, p. 26.

<sup>10</sup> LÉVÊQUE, P. *Op. cit.*, p. 228.

os santuários abertos utilizados pela elite e as covas comuns<sup>11</sup>, todas estritamente relacionadas ao culto.

De acordo com Walter Burkert, especialista em religião arcaica e clássica, não se pode buscar na religião micênica os elementos da religião minoica como buscamos, por exemplo, referências do helenismo na cultura romana. É inegável, entretanto, que houve um profundo intercâmbio de relações. Se há uma prolongação e correspondente influência que tangencia a evolução da sociedade em todos seus aspectos desde o período neolítico até o dos primeiros assentamentos minoicos, supõe-se que, do período minoico adiante, as forças naturais exerceram as mesmas propriedades de continuidade evolutiva.

#### A ORIGEM DA RELIGIÃO MICÊNICA

De maneira geral, podemos dizer que uma cultura se inicia quando existe um alfabeto, e o alfabeto utilizado largamente durante o período micênico foi o já mencionado sistema Linear B. Alguns historiadores, como John Chadwick<sup>12</sup>, estão de acordo que as tabuinhas são elementos indubitáveis da forma primitiva do grego. Segundo o autor, as tábuas de Cnossos podem haver sido escritas pouco antes da destruição completa dos palácios, e é o corpus mais consistente que temos sobre o período.

Geralmente, as tabuinhas tinham caráter religioso, já que listavam nomes de homens e mulheres como pagadores de oferendas aos deuses. Uma delas<sup>13</sup> menciona, por exemplo, o ritual de preparação do leite sagrado sobre o qual o deus fecundará a Deusa-Mãe. Uma tábua de Pilos mostra a variedade dos presentes em honra aos deuses: grãos, farinha, queijo, vinho, xarope, mel, animais, peles e unguentos. As oferendas de azeites perfumados e incensos também eram comuns, e ocupavam um lugar privilegiado, reservado aos deuses mais importantes do panteão.

Embora a poesia da *Ilíada* homérica não possa ser usada inteiramente como referência histórica, é necessário pontuar que, em diversas ocasiões, o autor cita o tipo de oferenda e libação que os guerreiros ofereciam aos deuses em troca de favores ou antes das batalhas, confirmando, portanto, que no século VIII a. C. – quando a obra foi provavelmente escrita – os objetos ritualísticos permaneciam os mesmos do milênio anterior. É a partir desses

<sup>11</sup> LÉVÊQUE, P. *Op. cit.*, p. 224-225.

<sup>12</sup> VENTRIS, M.; CHADWICK, J. *Documents in Mycenaean Greek*. Cambridge University Press, 1973, p. 39-42.

<sup>13</sup> LÉVÊQUE, P. *Op. cit.*, p. 157

registros escritos que podemos esquematizar o panteão dos deuses micênicos, embora haja lacunas e muitas referências ainda não tenham sido explicadas.

As tabuinhas mostram uma ordem na aparição das oferendas e estão de acordo com os preceitos gregos das épocas posteriores. Primeiro fazia-se a oferenda preparatória dos grãos, depois a libação com mel, seguida pelo sacrifício animal com as posteriores oferendas sem sangue e o elemento purificador, geralmente vinho puro. É comum, também, notar a quantidade de presentes para cada deus, que poderia incluir – além de animais e alimentos – vasilhas de ouro, peles e até mesmo sacrifícios humanos. Para Burkert, os sacrifícios realizados em Pilos na época micênica eram iguais aos realizados no período arcaico<sup>14</sup>.

A religião micênica era uma religião de salvação, na qual as energias vinculadas às forças da terra (fecundidade e fertilidade) tinham papel determinante. Não é de admirar-se, portanto, que o principal deus do panteão fosse Poseídon, o deus da terra, acompanhado do epíteto Enesidaone, “aquele que estremece a terra”. Há uma referência na *Odisséia*, de Homero, que indica que o deus era o mais importante na cidade de Pilos<sup>15</sup>, com o nome de Poseidaon. Seu culto também era conhecido em Cnossos, e é possível remontar suas raízes à cultura indo-europeia. Essas raízes orientais<sup>16</sup> mostram mais uma vez sua importância quando analisamos o duplo feminino do deus, Posidaeja, que tinha seu culto celebrado em Pakijane, onde também ficava o santuário da deusa Potnia – e que, infelizmente, ainda não foi identificado pela arqueologia<sup>17</sup>.

O seguinte em hierarquia é Zeus Dicteu, associado à cadeia montanhosa Diktis, ou Dicte, ao sul de Cnossos. Nas escrituras, seu nome aparece como Diwei/Diwjo, relacionado tanto a Hera quanto a Dirimijo, seu filho. O nome de Hera aparece como companheira de Zeus em uma tabuinha de Pilos<sup>18</sup>, e pode haver compartilhado o santuário com seu marido. As formas da palavra Diwijo ou Dirimijo também são associadas a Dionísio, que pode ser uma divindade separada ou o filho de Zeus e Hera. De todas as formas, Dionísio também aparece em Pilos com o nome de Diownusus<sup>19</sup>, e relacionado, pela primeira vez, ao alimento sagrado do vinho.

<sup>14</sup> BURKERT, W. *Ibid.*, p. 46.

<sup>15</sup> HOMERO. *Odisséia*, III, *apud* CHADWICK, J. *Op. cit.*, p. 129.

<sup>16</sup> LÉVÊQUE, P. *Op. cit.*, pp. 155-156.

<sup>17</sup> BURKERT, W. *Op. cit.*, p. 44.

<sup>18</sup> VENTRIS, M.; CHADWICK, J. *Ibid.*, pp. 126-127.

<sup>19</sup> VENTRIS, M.; CHADWICK, J. *Ibid.*

O duplo feminino de Zeus era Diwia ou Diwja, que tinha um santuário próprio. Alguns autores<sup>20</sup> acreditam que essa divindade reaparece no primeiro milênio sob a forma de Dione, a mãe de Afrodite segundo uma das variantes do mito. Em Pilos e Cnossos há evidências de que a Diwia que aparece associada a Zeus não é Hera – que também é mencionada –, mas uma Magna Mater<sup>21</sup>, que poderia, neste caso, ser Gaia. Já um dos filhos de Zeus, Ares, não aparece com este nome, mas pode ser reconhecido através da palavra Areios ou Areimenes, como foi averiguado em Tebas. Também foi registrado sob o epíteto de Enyalios, ainda que esse nome também apareça como uma divindade separada. No canto XIII da *Iliada*, Eniálio aparece como um epíteto do deus<sup>22</sup> (o pai de Ascáfalo, herói que lutava ao lado dos troianos, morto por Deífobo). De todas as maneiras, ambos eram considerados deuses da guerra em Cnossos.

Em Pilos, Hermes aparece como Hermaas Areias<sup>23</sup>. O culto a Ártemis foi demonstrado em Pilos e Amarinto, na Beócia, sob o nome de Artemitos ou Artemitei. O deus Hefesto também aparece de maneira bastante clara como Haphaistos ou Haphaistion. Um dos casos mais complexos talvez seja o da deusa Atena, que muitas vezes aparece como Athana Potnia, (significando dama ou senhora Atena) tal qual nos poemas homéricos e, por essa razão, pode ser confundida com a deusa Potnia – uma divindade diferente, mencionada em outras ocasiões.

É comum encontrar referências a outras senhoras, relacionadas ou não com a Atena que conhecemos, como são os casos da Senhora do Labirinto, a Senhora dos Cavalos, a Senhora do Pântano, a Senhora das Montanhas etc. O nome também pode estar associado ao da Mãe-Terra ou como a “mãe de todos os deuses”, herança da época minoica. Seu vínculo estaria nas deusas ctônicas Deméter, Gaia e Ártemis. Outros deuses do panteão olímpico, como Apolo, também aparecem como recebedores de oferendas.

#### OS PROBLEMAS DE CONTINUIDADE

Embora muitas divindades não tenham precedentes ou correlatos, o panteão micênico está inundado de elementos pré-gregos, misturados em

<sup>20</sup> LÉVÊQUE, P. *Ibid.*, pp. 154-159.

<sup>21</sup> VENTRIS, M.; CHADWICK, J. *Op. cit.*, p. 125-126.

<sup>22</sup> HOMERO. *Odisséia*, XVIII.

<sup>23</sup> BURKERT, W. *Ibid.*

sincretismos minoico-heládicos<sup>24</sup> e com inegáveis influências orientais. A destruição dos palácios em 1200 a. C. pressupõe uma falha na continuidade que, embora superável, necessita ser avaliada. Existe a crença de que, durante a Idade Escura – que surgiu com o fim da cultura micênica e se estendeu até o século IX a. C. com o surgimento das *póleis* arcaicas – a cronologia foi interrompida, uma vez que os lugares onde antes haviam sido santuários, palácios e lugares de culto comprovados em época micênica, deixaram escassos vestígios arqueológicos.

É bem verdade que esses vestígios, que poderiam ser usados para explicar o fio condutor que liga um milênio a outro, são praticamente inexistentes. Segundo a teoria de Walter Burkert<sup>25</sup>, a destruição dos palácios aconteceu por diversos fatores em conjunto, entre eles os constantes fluxos de migração de dórios, eólios e jônios. Depois da violenta convergência, entre outros possíveis motivos, que geraram pobreza e a conseqüente destruição dos edifícios, houve um período de calmaria que muitos autores antigos chamavam de “retrocesso”.

Foi a partir do século XII a. C. que gregos e sírios tiveram contato mais profundo, de modo que a cultura oriental passou a influenciar a cultura e religião gregas de maneira irreversível. Neste período, houve também uma interrupção arqueológica de muitos elementos que estavam se desenvolvendo nas cidades micênicas: o súbito abandono da escritura, das artes, do comércio de cerâmica<sup>26</sup>, dos assentamentos e a construção de edifícios. É provável que tenha havido uma queda na população, mas que ainda não pode ser confirmada por nenhuma fonte, arqueológica ou literária<sup>27</sup>. Contudo, se nada mais pode assegurar a continuidade, talvez a linguagem possa.

Embora as evidências para a escritura grega entre 1200 a. C. e 850 a. C. não tenham sido encontradas, é muito difícil acreditar que houve uma completa interrupção até o momento da introdução do sistema baseado no alfabeto fenício. Há maior probabilidade de que o sistema tenha sido o mesmo de um milênio a outro. Ao final da Idade do Bronze, um assentamento aqueu em Chipre criou o alfabeto cirílico, que se diferencia do grego da Idade do Ferro, dando mais uma pista, assim, para a hipótese de que a linguagem

<sup>24</sup> RUIPÉREZ, M. S.; MELENA, J. L. *Los griegos micénicos*. Madrid: Biblioteca Historia 16, 1990, p. 181.

<sup>25</sup> BURKERT, W. *Op. cit.*, p. 46.

<sup>26</sup> DICKINSON, O. *Op. cit.*, p. 41-42.

<sup>27</sup> DICKINSON, O. *Op. cit.*, p. 222; W. Burkert, *ibid.*, p. 47

cipriota não pode haver se baseado nas tabuinhas de Linear B, como pode ter sido o caso do grego arcaico.

Os nomes de alguns lugares permanecem iguais, bem como os nomes de alguns deuses e seus cultos. Os festivais e nomes de calendários podem ser comprovados pelos meses registrados em Atenas, e entre os jônios, eólios e dórios<sup>28</sup>. A iconografia micênica reapareceu no século VIII a. C., quando encontramos evidências de deusas representadas com o movimento dos braços alçados – tal como a deusa minoica.

Um grande número de elementos que parecem ausentes na religião minoico-micênica, ou estão vagamente presentes, relacionam a religião grega com as religiões do Neolítico e da Idade do Ferro Antiga: entre os vestígios arqueológicos estão os sacrifícios animais no fogo, as representações itifálicas e as máscaras. Embora tenha havido uma quebra na tradição e inúmeras catástrofes naturais, as forças de continuidade sempre se afirmaram, e na religião mais do que em qualquer outra esfera.

A partir dos poemas homéricos, é possível acreditar – embora, como disse anteriormente, não seja possível transportar as histórias que escreve o poeta para a realidade – que as principais características sociais e religiosas da civilização já estavam estabelecidas na época em que a obra foi escrita. É possível que, depois da destruição dos palácios, a Idade Escura tenha servido como um momento de permanência, mas sem novos desenvolvimentos. Assim, temos uma questão de difícil resolução: a continuidade está presente em inúmeros aspectos do começo da época arcaica, mas não é possível prová-la com certeza.

É possível afirmar que muitos cultos seguiram sendo realizados e os deuses ainda eram os mesmos. O culto à Deusa Mãe cretense, por exemplo, se plasmaria no culto a Hera ou Atena, enquanto o mito do menino-deus, ou de Zeus, passaria a ter mais importância. Hesíodo é um dos principais responsáveis por unificar as vertentes do mito de Zeus (a cretense<sup>29</sup>, sem influência indo-europeia e a relacionada à infância do deus) em seu poema *Os Trabalhos e os Dias*, estabelecendo uma nova ordem que logo seria aceita – na qual Zeus ultrapassa Poseídon na hierarquia divina e se estabelece como o pai de todos os deuses e o principal do panteão. As cavernas deixaram de ter o caráter ctônico relacionado à ultratumba e aos infernos e passam a ser a residência de ninfas da água e dos bosques.

<sup>28</sup> BURKERT, W. *Ibid.*, p. 48.

<sup>29</sup> LÉVÊQUE, P. *Op. cit.*, p. 158.

No que diz respeito aos templos, embora a maioria tenha sido construída no começo da Idade de Ferro – ou no máximo no final da Idade do Bronze – a arqueologia ratifica que os lugares dos grandes ciclos míticos da época arcaica e clássica foram, sem exceção, importantes assentamentos micênicos<sup>30</sup>, como é o caso da Beócia, Tessália, Etólia, Ática, Argólida e Messênia. Em todos os casos, os assentamentos estão em uma área que antes havia sido ocupada no Neolítico e no começo da Idade do Bronze com as primeiras civilizações agrárias.

A continuidade também pode ser averiguada nos pequenos santuários, como o de Aya Irini, em Ceos, construído no século XV, e que foi utilizado como lugar de culto por mais de mil anos. Uma inscrição encontrada na época arcaica revela que Dionísio era o principal deus do santuário, e este é um dos mais importantes testemunhos da época minoica que sobreviveu até a época arcaica<sup>31</sup>. O sítio de Kalapodi também continuou sendo importante para os focídios, enquanto Olímpia e Ishtmia – estabelecidos antes do período neopalacial – se transformaram em grandes centros da cultura pan-helênica<sup>32</sup>. As evidências nestes últimos três lugares sugerem banquetes rituais com prováveis sacrifícios, que podem significar uma tradição herdada ou desenvolvida a partir da cultura micênica<sup>33</sup>.

Em Creta, o espírito da civilização minoica sobreviveu e seguiu se manifestando até mesmo nas últimas fases do período de transição, como é possível observar através das figuras da Deusa de Braços Alçados. Ao final da Idade do Bronze, contudo, podemos notar uma mudança significativa nos rituais de enterramento, que estavam profundamente relacionados com a religião. Os mortos deixaram de ser enterrados, e passaram a ser cremados<sup>34</sup> e postos em urnas funerárias.

No continente, os vestígios arqueológicos são ainda mais escassos, fazendo com que os arqueólogos questionem uma continuidade sem interrupções. Mesmo assim, em Delfos, por exemplo, há evidências mais diretas, como os achados de estátuas micênicas. Em Delos, as tumbas micênicas

<sup>30</sup> LÉVÊQUE, P. *Ibid.*, p. 163.

<sup>31</sup> BURKERT, W. *Op. cit.*, p. 31

<sup>32</sup> DICKINSON, O. *Op. cit.*, p. 231

<sup>33</sup> *Ibid.*, p. 251

<sup>34</sup> BUCHHOLZ, H. G.; KARAGEORGHIS, V. *Prehistoric Greece and Cyprus*. Londres, 1973, p. 26.

ganharam outra interpretação, e passaram a ser veneradas como tumbas de donzelas hiperbóreas.<sup>35</sup>

Há muitas evidências de que os templos micênicos foram reutilizados como espaços sagrados na época arcaica. No entanto, esses edifícios foram, em grande parte, construídos onde antes já havia uma tradição que não deixou rastros. Não se conhece nenhum complexo que tenha reutilizado os restos micênicos para reconstruir os palácios e reutilizá-los como templos. Temos provas suficientes, contudo, para supor que os cultos seguiram sendo realizados nesses locais, onde a tradição já estava enraizada na cultura pré-grega.

Recebido em outubro 2013

Aceito em fevereiro 2014

## BIBLIOGRAFIA

- BUCHHOLZ, H. G.; KARAGEORGHIS, V. *Prehistoric Greece and Cyprus*. Londres, 1973.
- BURKERT, W. *Greek Religion*. Oxford: Basil Blackwell Publisher, 1985.
- CHADWICK, J.; GODART, L. et al. *Corpus of Mycenaean inscriptions from Knossos. Volume I (1-1063)*. Cambridge University Press, 1986.
- CHADWICK, John. *El mundo micénico*. Madrid: Alianza Editorial, 2005
- DICKINSON, O. *The Aegean from Bronze Age to Iron Age: continuity and change between the twelfth and eighth centuries b. C*. Nova York: Routledge, 2006.
- FRENCH, E. *Micenas, capital de Agaménon*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005.
- HOMERO. *Iliada*. Editado e traduzido por Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HOMERO. *Odisséia*. Editado e traduzido por Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2006.
- LÉVÊQUE, Pierre. *Bestias, dioses y hombres: el imaginario de las primeras religiones*. Huelva: Universidad de Huelva, 1997.
- RUIPÉREZ, M. S.; MELENA, J. L. *Los griegos micénicos*. Madrid: Biblioteca Historia 16, 1990.
- VENTRIS, M.; CHADWICK, J. *Documents in Mycenaean Greek*. Cambridge University Press, 1973

<sup>35</sup> W. Burkert, *ibid.*, p. 49